



ISSN: 2595-1661

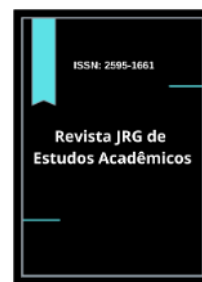
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Estratégias metodológicas para alunos com deficiência visual: abordagens e práticas docentes

Methodological Strategies for Students with optical Impairment: Approaches and Teaching Practices

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2695

ARK: 57118/JRG.v8i19.2695

Recebido: 19/11/2025 | Aceito: 25/11/2025 | Publicado on-line: 26/11/2025

Ana Gláucia Barros de Mesquita Barbosa¹

<https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

<http://lattes.cnpq.br/0422159691310788>

Faculdade de Educação da Ibiapaba - FAEDI, CE, Brasil

E-mail: barrosglauca27@gmail.com

José Antônio dos Santos Filho²

<https://orcid.org/0000-0002-7329-6784>

<https://lattes.cnpq.br/6906800184709570>

Faculdade de Educação da Ibiapaba - FAEDI, UF, Brasil

E-mail: jantfilho20@gmail.com

Francisca Clédina de Farias Paiva³

<https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

<http://lattes.cnpq.br/0422159691310788>

Faculdade de Educação da Ibiapaba - FAEDI, CE, Brasil

E-mail: cledinafariaspaiva@gmail.com

Francisca Bruna Pereira Farias⁴

<https://orcid.org/0000-0003-2973-5070>

<http://lattes.cnpq.br/2815710242920346>

Faculdade de Educação da Ibiapaba - FAEDI, CE, Brasil

E-mail: brunafariaspsicologa@gmail.com



Resumo

O presente trabalho objetivou apresentar estratégias metodológicas voltadas para alunos com deficiência visual no contexto educacional, enfatizando práticas inclusivas que promovam a equidade de aprendizagem. Partindo da premissa de que a educação inclusiva exige não apenas adaptações didáticas, mas também a integração de recursos tecnológicos e abordagens pedagógicas inovadoras. A pesquisa buscou compreender como tais práticas contribuem para o desenvolvimento das habilidades dos alunos com deficiência visual. A metodologia adotada pautou-se em uma abordagem qualitativa de caráter descritiva, fundamentada em uma revisão narrativa

¹ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Ibiapaba – FAEDI.

² Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário UniFamor. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Docente dos Cursos de Pedagogia e Psicologia da Faculdade de Educação da Ibiapaba – FAEDI.

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Especialização em Psicopedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Docente do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Ibiapaba – FAEDI.

⁴ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Mestra em Psicologia e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Educação da Ibiapaba – FAEDI.

da literatura. A pesquisa foi realizada entre fevereiro a setembro de 2025, contemplando produções acadêmicas publicadas entre 2009 e 2025. O corpus da pesquisa incluiu artigos, livros e capítulos de livros que dialogam com as práticas pedagógicas inclusivas, com as metodologias adaptadas e o cotidiano escolar de alunos com deficiência visual, permitindo uma análise contextualizada. Os resultados apontam que o aprendizado tátil, o uso de tecnologias assistivas e a audiodescrição são estratégias eficazes para ampliar a compreensão e a retenção do conteúdo por alunos com deficiência visual. Além disso, constatou-se que a colaboração interdisciplinar entre educação e a tecnologia favorece práticas inovadoras que enriquecem a experiência pedagógica. Conclui-se que a consolidação dessas metodologias fortalece a inclusão escolar, promovendo respeito, equidade e justiça social no ambiente educacional.

Palavras-chave: Deficiência visual. Educação inclusiva. Práticas pedagógicas.

Abstract

This study aimed to present methodological strategies for students with visual impairments in the educational context, emphasizing inclusive practices that promote equitable learning. It starts from the premise that inclusive education requires not only didactic adaptations but also the integration of technological resources and innovative pedagogical approaches. The research sought to understand how such practices contribute to the development of the skills of students with visual impairments. The methodology adopted was based on a qualitative, descriptive approach, grounded in a narrative literature review. The research was conducted between February and September 2025, encompassing academic publications from 2009 to 2025. The research corpus included articles, books, and book chapters that address inclusive pedagogical practices, adapted methodologies, and the daily school life of students with visual impairments, allowing for a contextualized analysis. The results indicate that tactile learning, the use of assistive technologies, and audio description are effective strategies for enhancing comprehension and content retention among visually impaired students. Furthermore, it was found that interdisciplinary collaboration between education and technology fosters innovative practices that enrich the pedagogical experience. It is concluded that the consolidation of these methodologies strengthens school inclusion, promoting respect, equity, and social justice in the educational environment.

Keywords: Optical impairment. Inclusive education. Pedagogical practices.

1. Introdução

No cenário contemporâneo da educação inclusiva, o ensino para alunos com deficiência visual revela-se uma área de crescente importância e interesse no Brasil e no mundo. A inclusão escolar desses alunos não apenas promove a equidade no acesso ao conhecimento, mas também enriquece o ambiente educacional como um todo. Neste sentido, contribui para um contexto que provoca no professor o ressignificar da sua ação pedagógica (Brasil, 2008).

Conforme Sassaki (2006) a inclusão não se limita ao acesso à escola, mas envolve garantir condições para que todos estudantes aprendam de forma significativa. Nesta direção, com o avanço nas políticas e nas práticas pedagógicas direcionadas à inclusão, os educadores são cada vez mais desafiados a

desenvolverem estratégias metodológicas inovadoras que atendam às necessidades desses estudantes.

A inclusão eficiente de alunos com deficiência visual passa pelo o reconhecimento da diversidade presente no ambiente escolar e pela valorização dos diferentes estilos de aprendizagem. Assim, este trabalho busca aprofundar a discussão sobre abordagens e práticas docentes eficazes, destacando a adaptação curricular, o uso de tecnologias assistivas e o papel fundamental da formação contínua de professores como elementos chave para o sucesso na educação inclusiva.

A inclusão escolar é um direito essencial, garantido por leis nacionais como a Constituição Federal (1988), Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (2008) e a Lei Brasileira de Inclusão (2015), e internacionais, como a Declaração de Salamanca (1994) e a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006). Embora tenha tido avanços na abordagem de diferentes tipos de deficiência, a do tipo visual ainda carece de maior visibilidade e apropriação pelos os professores. Para que essa inclusão aconteça de fato, é necessário que os professores adotem práticas pedagógicas adequadas às necessidades dos alunos com deficiência visual.

O aprendizado desses estudantes não deve se limitar à adaptação de materiais. É fundamental que o ensino seja planejado com abordagens dinâmicas, acessíveis e que envolvam diferentes sentidos, promovendo a autonomia e a participação ativa dos alunos. Métodos como o uso do braille, materiais táteis, descrição em áudio, tecnologia assistiva e ensino colaborativo são essenciais para garantir um ambiente de aprendizado inclusivo e eficaz. Assim, a Lei Brasileira de Inclusão (2015) reconhece o braille como uma forma de comunicação para pessoas com deficiência visual e estabelece diretrizes para sua utilização, como o acesso à informação.

Esse tema é relevante porque muitos educadores ainda não têm formação específica para trabalhar com alunos com deficiência visual, o que pode dificultar tanto o aprendizado quanto a interação desses estudantes na escola. Assim, conhecer e aplicar estratégias adequadas permite criar um espaço educacional mais igualitário, ajudando cada aluno a desenvolver suas habilidades. Além disso, pesquisar sobre essas práticas contribui para o avanço da educação inclusiva, oferecendo suporte para a criação de políticas públicas mais eficientes e para a capacitação de professores, mas também fortalece a inclusão como um princípio essencial para uma sociedade mais justa e acessível a todos.

Diante do exposto, o presente estudo de cunho teórico busca apresentar algumas estratégias metodológicas que favorecem o processo de ensino-aprendizagem do aluno com deficiência visual. Considerando a importância da tecnologia assistiva, dos materiais adaptados e da formação docente para inclusão efetiva.

2. Metodologia

Para a realização desta pesquisa, utilizou-se a abordagem qualitativa, de cunho descritiva. A construção deste trabalho se deu por meio de uma revisão bibliográfica, realizada entre fevereiro a setembro de 2025, com o intuito de reunir e analisar produções acadêmicas que dialogam com o universo da deficiência visual no contexto educacional, e as estratégias metodológicas para inclusão.

De acordo com Gil (2010), as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno,

levantando informações essenciais para a compreensão aprofundada da realidade estudada, aproximando abordagens práticas aplicadas no contexto educacional.

Os materiais consultados incluíram livros, capítulos de livros e artigos, que tratam sobre a temática de interesse deste trabalho: as práticas pedagógicas inclusivas, metodologias adaptadas e o cotidiano escolar de alunos com deficiência visual, acessados por meio da base de dados eletrônica SciELO. Utilizaram-se as palavras-chaves: Deficiência Visual, Educação Inclusiva e Práticas Pedagógicas.

A seleção do material foi guiada por critérios claros: priorizou-se publicações em língua vernácula; com acesso integral; publicações de 2009 a 2025. No que se refere aos critérios de exclusão: trabalhos em língua estrangeira; de acesso limitado; os que não fazem alusão ao tema; os que estão fora do recorte temporal.

A análise de dados ocorreu mediante técnicas de leitura encontradas em Lima e Miotto (2007). Conforme os autores mencionados, foram utilizados os procedimentos de leitura de material bibliográfico, na seguinte ordem: a) leitura seletiva; b) leitura reflexiva; c) leitura interpretativa.

A pesquisa foi dividida em quatro categorias, quais sejam: a) Educação Inclusiva e deficiência visual; b) Definição de deficiência visual conceitos e classificações; c) Tecnologias assistivas e acessibilidade digital; d) Estratégias de capacitação docente.

3. Resultados e Discussão

3.1 Educação inclusiva e a deficiência visual

A educação para alunos com deficiência visual é um campo que demanda atenção e desenvolvimento contínuo, dado que esses alunos enfrentam obstáculos específicos no ambiente escolar.

Deficiência visual é um termo amplo, que abrange diversas condições que afetam a visão, suas classificações e seus níveis. As classificações se dividem em dois grupos desde a baixa visão até a cegueira total. A baixa visão refere-se a uma capacidade visual diminuída que não pode ser corrigida ou restaurada por meio de intervenções cirúrgicas ou o uso de óculos. Por outro lado, a cegueira completa é caracterizada pela ausência total da percepção visual. Distinção amplamente reconhecida na literatura especializada (Amiralian, 2009; Brasil, 2006).

No entanto, é importante notar que a cegueira se apresenta em diferentes graus e formas, podendo incluir a percepção de luz, categorizando o indivíduo com cegueira parcial. Também, pode impactar diretamente na forma como a pessoa interage com o conteúdo didático e com o meio ao seu redor. Assim, a inclusão eficaz dos alunos com deficiência visual no sistema educacional requer estratégias metodológicas adaptadas, que considerem suas necessidades sensoriais e facilite o acesso equitativo ao aprendizado (Brasil, 2015).

A definição educacional para cegueira diz que são cegas às pessoas que apresentam desde a ausência total de visão até a perda da projeção de luz. O processo de aprendizagem se fará através dos sentidos remanescentes (tato, audição, olfato, paladar), utilizando o Sistema Braille como principal meio de comunicação escrita (Brasil, 2004).

O aumento da conscientização sobre as metodologias de ensino específicas é imprescindível para garantir que o público receba uma educação de qualidade, que atenda suas diferenças e promova seu pleno desenvolvimento intelectual, social e emocional. A inclusão não é apenas uma questão de acessibilidade e adaptações

físicas de materiais, mas também de ajuste e mudanças significativas das práticas pedagógicas dos professores (Brasil, 2015).

Conforme Sassaki (2006), a inclusão não se limita ao acesso à escola, mas também à garantia que todos os estudantes aprendam de forma significativa enfatizando que a inclusão deve ser compreendida como um processo contínuo, que requer adaptações permanentes e mudanças nas práticas educacionais. Nesse sentido, a valorização da diversidade e a garantia de acessibilidade em suas múltiplas dimensões tornam-se elementos indispensáveis para que a escola seja, de fato, um espaço de equidade e aprendizagem significativa para todos.

Conforme já pontuado, a deficiência visual pode variar entre baixa visão e cegueira total, trazendo desafios específicos no processo de ensino-aprendizagem do estudante. Para que a inclusão seja efetiva é necessário que os professores conheçam as estratégias adequadas para trabalhar com esses alunos. De acordo com Mantoan (2003), a escola precisa abandonar o modelo tradicional e adotar práticas flexíveis que respeitem a diversidade dos estudantes. Isso significa investir em metodologias acessíveis e materiais adaptados, promovendo uma educação verdadeiramente democrática.

Para que os estudantes com deficiência visual possam aprender de forma autônoma e eficiente, é necessário o uso de estratégias pedagógicas específicas, e abordagens diversificadas e adaptadas às necessidades deles, considerando suas características individuais. Estudos como o de Bersch (2017) destaca que o uso de tecnologias assistivas, a exemplos dos leitores de tela e das impressoras braille, são instrumentos indispensáveis para a autonomia e aprendizagem de estudantes com deficiência visual. Do mesmo modo, Brasil (2008) reforça que a utilização desses recursos deve estar integrada a metodologias adaptadas de forma a garantir a acessibilidade e inclusão no ambiente educacional. Enfatiza-se que a formação contínua dos professores é fundamental para a implementação eficaz dessas estratégias, permitindo uma prática pedagógica que respeite os princípios da educação inclusiva e promova o sucesso acadêmico dos alunos com deficiência visual.

É necessário oferecer uma base consolidada de conhecimento sobre práticas eficazes, desafios enfrentados e inovações nesse campo para ampliação destas metodologias. Saviani (2018) reforça que a escola democrática deve superar desafios históricos, propondo práticas que respondam às desigualdades estruturais da educação brasileira. Como destaca Mantoan (2003), a construção de políticas educacionais inclusivas exige a adoção de práticas pedagógicas fundamentadas em evidências científicas, assegurando que os estudantes com deficiência tenham acesso a um ambiente de aprendizagem equitativo e de qualidade.

Além disso, a ampliação desses recursos por meio da ciência contribui para o desenvolvimento de políticas educacionais mais inclusivas, garantindo que as estratégias implementadas sejam confirmadas por estudos empíricos que já comprovaram sua eficácia. Ao oferecer uma visão abrangente e crítica, a revisão também auxilia educadores e gestores na escolha de práticas pedagógicas adequadas para atender às diversas necessidades dos estudantes com deficiência visual, promovendo assim um ambiente de aprendizagem mais acessível e equitativo para todos.

Segundo Vygotsky (1991), a mediação do professor e o uso de recursos adequados são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Nesse sentido, a utilização do sistema braille, materiais táteis, audiodescrição e tecnologia assistiva são elementos essenciais para o processo de ensino-aprendizado, e deve

ser reforçada.

3.2 Tecnologias assistivas e acessibilidade digital

O Sistema Braille é um método de leitura e escrita tátil, criado por Louis Braille, no século XIX. Esse sistema revolucionou a acessibilidade e a informação para a comunidade com deficiência visual. O Braille é baseado em um bloco de seis pontos organizados em duas colunas e três linhas, formando uma célula retangular, cada uma dessas células podem representar: letras do alfabeto, números, pontuação, símbolos matemáticos e científicos. Cada combinação desses pontos em relevo forma caracteres, em que a leitura é feita com toque dos dedos, percorrendo as linhas da esquerda para a direita. Para a escrita usa-se a reglete e a punção.

Os recursos e tecnologias assistivas desempenham um papel de facilitação do aprendizado para esses estudantes, oferecendo ferramentas que ampliam a acessibilidade e a autonomia. Entre essas tecnologias, estão *softwares* como NVDA e o JAWS e os aplicativos como *Be My Eyes* e o *Seeing AI*, métodos específicos que transformam textos em fala, permitindo que os alunos acessem material didático sem obstáculos. O avanço desses recursos proporciona uma experiência de ensino mais interativa e inclusiva, garantindo que as barreiras à aprendizagem sejam mitigadas, e assegurando que os alunos com deficiência visual tenham oportunidades de sucesso no aprendizado.

A audiodescrição, por sua vez, consiste em uma narração adicional que descreve elementos visuais de uma cena, como expressões faciais, cenários e ações, permitindo que os alunos compreendam melhor o contexto. Já a descrição tátil, envolve o uso de materiais em relevo, que podem incluir mapas, diagramas e modelos tridimensionais, proporcionando que os alunos explorem o conteúdo através do tato. Ambas estratégias oportunizam experiências de aprendizagem mais ricas e ajudam a desenvolver habilidades cognitivas e sensoriais, facilitando a compreensão e a participação dos discentes em conteúdos complexos.

A questão da educação inclusiva é uma realidade da qual nenhum educador pode fugir, tendo em vista a política de inclusão determinada pela legislação vigente no país, ao lado da reflexão sobre a prática pedagógica empregada pelos educadores que trabalham com pessoas com deficiência que com as exigências da sociedade moderna implicam uma série de modificações do ponto de vista da convivência humana (Souza, 2012, p. 11).

Com um entendimento de que a deficiência visual não deve ser um obstáculo para a aprendizagem, é fundamental que os educadores e as instituições de ensino se unam em prol de um modelo educacional inclusivo que valorize as capacidades e as especificidades de cada aluno. Nesse sentido, Jannuzzi (2012) ressalta que a educação inclusiva deve superar concepções limitadoras, promovendo práticas que reconheçam o potencial dos estudantes com deficiência. De modo a complementar, Mantoan (2003) defende que a inclusão escolar implica na reorganização das práticas pedagógicas, de forma a garantir a equidade, acessibilidade e valorização das diferenças como parte constitutiva do processo educativo.

Na área de estratégias educativas para alunos com deficiência visual, Piaget (1974) enfatizou a importância da aprendizagem ativa e da interação contínua com o ambiente para o desenvolvimento cognitivo, sendo tal abordagem crucial para estudantes com deficiência visual. Vygotsky (1984), por seu lado, enfatizou que o papel do mediador é facilitar a aprendizagem, auxiliando o aluno a desenvolver suas capacidades cognitivas.

Em síntese, é importante ressaltar o valor da tecnologia assistiva e das adaptações curriculares para promover um aprendizado eficaz e inclusivo. Essas perspectivas sublinham a necessidade de abordagens pedagógicas para satisfazer as demandas únicas destes alunos, fomentando uma educação mais acessível.

3. 3 Estratégias de capacitação docente

A capacitação docente requer um enfoque multifacetado que integre formação teórica e prática, além de uma sensibilização profunda sobre as condições de aprendizagem dos estudantes com deficiência visual. As estratégias de capacitação devem incluir treinamentos que abordem tanto aspectos pedagógicos como técnicos, permitindo que os educadores adquiram habilidades essenciais para promover um ambiente inclusivo. Isso pode envolver o estudo das melhores práticas em acessibilidades, além da elaboração de materiais didáticos que considerem as especificidades sensoriais do aluno (Amiralian, 2004).

Os formadores devem incentivar a construção de um repertório diversificado de ferramentas e recursos adaptativos, ainda, podem ser criados grupos de discussões entre docentes, onde possam compartilhar experiências e práticas exitosas, favorecendo a troca de saberes e a construção coletiva de soluções. A integração de especialistas e pedagogos especializados pode enriquecer o conhecimento dos educadores sobre as necessidades específicas dos educandos. De acordo com Libâneo (2013), a formação continuada deve possibilitar a refletividade e a mudança nas práticas docentes, ajudando o professor a ter flexibilidade metodológicas, escolhendo estratégias que se adaptem ao conteúdo, ao contexto e às características dos alunos, reconhecendo suas dificuldades e incentivando a encontrarem forma de superá-las.

A capacitação docente não deve ser vista como um evento pontual, mas como um processo contínuo e dinâmico que visa não apenas atender às exigências legais da inclusão mas também promover uma educação de qualidade que respeite e valorize a individualidade de cada aluno com deficiência visual. Nóvoa (2013), destaca a importância de conhecer o conteúdo a ser ensinado e a formação inicial e continuada, utilizando as instâncias individuais e coletivas.

À medida que olharmos para o futuro das metodologias educacionais adaptadas para alunos com deficiência visual, várias perspectivas e recomendações importantes emergem, que ressaltam a importância da pesquisa e inovação contínuas. Trata-se de uma área que requer uma postura crítica, junto a uma abordagem multidisciplinar, integrando *insights* da educação, da psicologia, da tecnologia, do design e da acessibilidade. Ao promover a colaboração entre especialistas desses domínios, novas estruturas podem ser desenvolvidas que sejam abrangentes e responsivas às variadas necessidades de alunos com deficiência visual.

Além disso, enfatiza-se a eficácia do aprendizado tátil, ferramentas auditivas e recursos digitais. Expandir as metodologias existentes, como o uso de realidade aumentada para criar ambientes de aprendizado imersivos, pode capacitar os alunos a se envolverem com o conteúdo de uma maneira que melhore tanto a compreensão quanto a retenção.

Destaca-se, ainda, a importância das estratégias metodológicas para a comunidade acadêmica e educacional, pois oferece uma base consolidada de conhecimentos sobre práticas eficazes, desafios enfrentados e inovações nesse campo para atender as diversidades encontradas no ambiente escolar. Postura que enriquece o aprendizado e fortalece o respeito mútuo na construção de uma

sociedade mais inclusiva para todos.

4. Conclusão

Este estudo apresentou algumas estratégias metodológicas que favorecem o processo de ensino-aprendizagem do aluno com deficiência visual. A construção do trabalho se deu por meio de uma revisão bibliográfica, a partir de um levantamento na base de dados SciELO, onde foi possível reunir uma amostra final de 6 artigos analisados segundo técnicas de leituras. Considerando a abordagem e as práticas de um método utilizado, foi possível subdividir os estudos computados em três categorias, a saber: Educação inclusiva e deficiência visual; Tecnologias assistivas e acessibilidade digital; Estratégias de capacitação docente.

Na primeira categoria discutida, a educação inclusiva e a deficiência visual consolida-se como eixo estruturante da escola contemporânea, ao reconhecer a deficiência visual não como limitação, mas como uma condição que exige adaptações pedagógicas e metodológicas capazes de promover a equidade e a participação efetiva. A educação, portanto, deixa de ser pautada por modelos segregadores e passa a fundamentar-se em práticas que respeitem a diversidade, fortaleçam a autonomia e assegurem acesso ao conhecimento em todas as etapas da formação.

Na segunda categoria, as tecnologias assistivas e a acessibilidade digital emergem como ferramentas indispensáveis, pois ampliam horizontes de aprendizagem, garantem autonomia e asseguram o acesso pleno ao conhecimento, convertendo barreiras em possibilidades no acesso à informação, garantindo que todas as pessoas possam participar de forma equitativa dos ambientes digitais. Nesse contexto, as tecnologias assistivas consistem em recursos, serviços e estratégias destinados a ampliar as habilidades funcionais, consolidando-se como instrumentos essenciais na construção de um ambiente inclusivo. Contudo, tais recursos só se tornam efetivos quando articulados a uma capacitação docente contínua que prepara os professores para integrar metodologias inovadoras, práticas inclusivas e recursos digitais em sua atuação cotidiana, projetando uma educação que não apenas responde às demandas atuais da educação, mas também as que se projetam no futuro.

Na terceira categoria, estratégias de capacitação docente, correspondem a processos formativos que visam preparar o professor para atuar de maneira eficaz em contextos educacionais. Essa capacitação não se limita ao domínio de conteúdos, mas envolve o desenvolvimento de competências pedagógicas metodológicas e sociais que favoreçam a aprendizagem e a inclusão. No cenário atual, marcada por mudanças constantes, e pela necessidade de adaptação, a escola deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conhecimentos e passa a constituir-se como ambiente de construção coletiva, no qual os docentes necessitam estar preparados para lidar com a diversidade dos estudantes.

A formação continuada, nesse sentido, é essencial para que o professor fortaleça sua autonomia profissional, acompanhe as transformações educacionais e contribua para a valorização das práticas pedagógicas assegurando maior integração entre ensino, aprendizagem e realidade social. Assim, a capacitação docente continuada configura-se como pilar essencial para a efetivação da educação inclusiva.

Conclui-se que este trabalho não esgota a temática em tela, precisa-se de mais estudos. Evidenciando a necessidade de investigações futuras, sobretudo por meio de pesquisas de campo e análises empíricas, que possam aprofundar a compreensão e oferecer subsídios mais consistentes para a consolidação de práticas inclusivas na deficiência visual.

Referências

AMIRALIAN, Maria Lucia Toledo Moraes. Sou cego ou enxergo? As questões da baixa visão. **Educar em revista**, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/zrbZkRsyxJTVdv4BgXP8zVw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

BERSCH, Rita de Cássia. **Tecnologia assistiva: Fundamentação e prática**. Porto Alegre: CEDI 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 15 set. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JANNUZZI, Gilberta de Martino. **A educação no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas: Autores associados, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Obra Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, Telma Cristina Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysi**, v, 10, n. spe, p.37-45,2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Abrindo as escolas às diferenças**. São Paulo: Moderna, 2001. p. 109-128.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro Presente**. Lisboa: Educar, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola democracia**. 41ª ed. Campinas: Autores associados, 2018.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, ano XII, n. 70, p. 10-16, mar./abr. 2009. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/s/18g-rFjhTv2A11w30TAB9w>. Acesso em: 15 set. 2025.

SASSAKI, Romeu Kazume. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 4. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio- histórico. São Paulo: Scipione, 1997.